

Um presidente que adora uma boa risada 74

Não tem jeito. Não há queda de presidente da Conab, como aconteceu na última quinta-feira, ou ataques do ex-ministro tucano Ciro Gomes (veja matéria nesta página) que tire o humor de Fernando Henrique.

Ontem ele disse em seu pronunciamento na reinauguração do Palácio Rio Negro em Petrópolis, que "a pessoa que não tem capacidade de rir, sobretudo de si própria, não tem condições de fazer algo marcante na vida".

Não faltaram ao presidente, em seu primeiro ano de mandato, atos e momentos marcantes, que nem seriam motivo para risadas.

Greve — Em maio de 95, ele en-

frentou com pulso firme uma greve dos preteiros que paralisou o País por 31 dias e venceu o impasse, com o retorno da categoria ao trabalho sem que o governo cedesse nas negociações.

Em agosto, o Banco Central interviu no banco Econômico, para fúria de um aliado poderoso, o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA). Nem por isso Fernando Henrique deixou de sorrir, ainda mais quando ouvia o *click* de alguma máquina fotográfica.

Dois meses depois foi a vez do caso da escuta telefônica na casa de seu ex-assessor direto, o embaixador Júlio César Gomes dos Santos, que

transformou o projeto do Sistema de Vigilância da Amazônia em um escândalo de repercussão internacional.

Alívio — Em dezembro veio a público os documentos da chamada pasta rosa encontrada pelos interventores do Econômico. Provas de financiamento do banco a campanhas eleitorais em 1990 revoltaram o PFL, que ameaçou romper com o governo.

O presidente contornou a crise e deu risadas, com certeza, ainda que de alívio.

No mesmo mês, um momento de autêntica alegria: ele recebeu em seu gabinete, no dia 21, uma bola de fu-

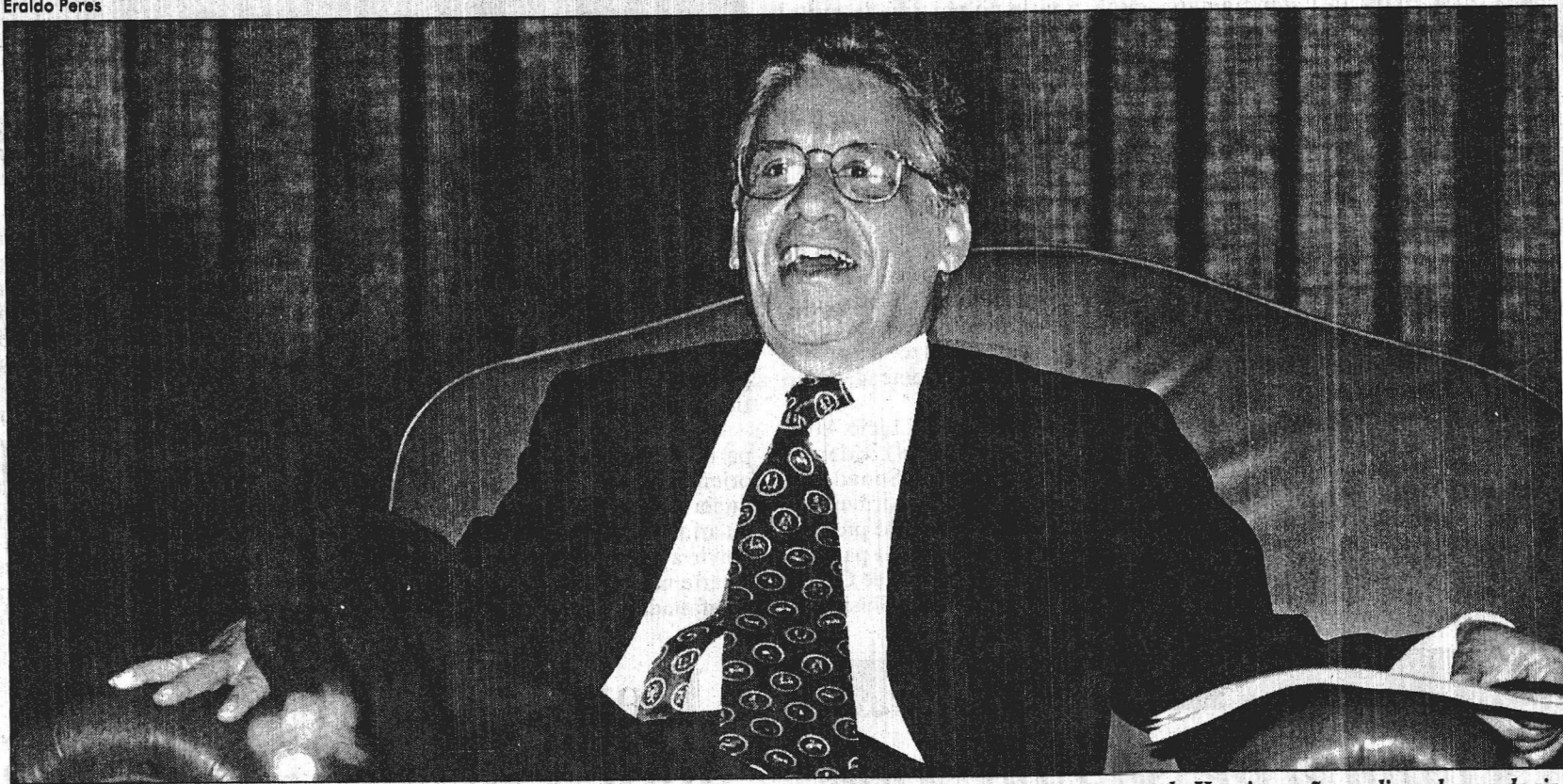
tebol autografada do atacante Túlio, campeão brasileiro pelo Botafogo.

Na última quarta-feira ele era todo sorrisos ao anunciar os planos de crescimento do País esse ano e prever a eleição de seu sucessor, tamanho o sucesso do governo, na sua interpretação.

No dia seguinte, Fernando Henrique voltou a rir à toa. Fechara o acordo da reforma da Previdência com os líderes das centrais sindicais e enfureceu os parlamentares da oposição.

Resta saber — curiosidade de todas as pessoas que assistiram seu discurso ontem — quando e porque o presidente riu de si próprio em seu governo.

Eraldo Peres



Crises e sorrisos: 8 de agosto do ano passado, três dias antes da intervenção federal no Banco Econômico, Fernando Henrique não perdia a chance de rir